ANNO I — S. João d'El-Rei, 31 de Janeiro de 1886 — N. 29

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno........ 6$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

Escriptorio da redacção—Praça das Mercês, n. 7

PARA FÓRA
Anno....... 6$000

BIBLIOTHECA MUNICIPAL DE S. João d'El-Rei

Summario

O Domingo

31 de Janeiro de 1886.

Actualidades

NÃO sei si é consequencia dessa assustadora falta d'agua que nos persegue, essa não menos assustadora falta... de assumptos, essa esterilidade de acontecimentos, que forneçam aos chronistas motivo para uns cinco minutos de prosa com os leitores amaveis e mesmo com alguns que não são nada amaveis... O certo é que a gente põe as tiras defronte, os olhos em alvo, a mão esquerda no queixo, a direita na penna, que vai dez vezes ao tinteiro, ficando enxuta outras tantas vezes... sem que escreva uma syllaba, — e não encontra uma novidade sobre cujo thema possa tocar umas variações alegres.

O diabo da secca não nos deixa séca.

O nosso bom povo, religioso e crente, tem feito preces ao Altissimo para nos prodigalisar alguma protecção em forma de aguaceiros, e eu, que o acompanho com fervor, accrescento ao pedido de agua o de—assumptos para estas *Actualidades*. Não enxerguem nisto os commentadores malevolos heresia alguma. Cada um pede a Deus Nosso Senhor o que mais precisa, e eu, além d'aquillo com que se compram melões, bilhetes de loteria e votos, o que mais preciso é de uma chuva... de novidades para encher este espaço d'*O Domingo*, que me foi confiado.

Até agora ainda não fomos attendidos, nem eu, nem os meus companheiros de orações, mas a esperança ainda brilha em nossas almas e só isto conforta um pouco. Esperemos.

O sol, incandescente como uma braza descommunal, castiga toda a natureza com os latejos inconscientes de seus raios crudelissimos; cresta sem piedade as flores e os arbustos; mata a relva dos campos; põe reverberos quentes nos *trottoirs* e queima a face rosea e fresca das seductoras moçoilas; bebe setibundo a agua dos rios, dos regatos e das fontes; mostra aos pobres um porvir terrivel, porque se continuar assim, os generos subirão de preço; ameaça-nos com febres de mão caracter... Um horror! Sei que a chuva hade vir tranquillisar os animos, vivificar as flores e os arbustos, fertilisar os terrenos safaros... E, no emtanto, eu acho muita cousa de bello nesse painel, que nos parece horrivel.. Vejo as manhãs luminosas, limpidas, plenas de harmonias, os ares cortados pelas andorinhas contentes, o céo numa larga exuberancia de azul brilhante, marchetado, a espaços, por alvas nuvensitas *moutonnées*, a natureza inteira como que satisfeita nesse continuado banho de effluvios e clarões ardentes... Praz-me elevar os olhos para esses horizontes illuminados e sentir minh'alma como que embriagada de luz, estonteada perder-se no infinito deixando-se arrastar pelos ideaes impossiveis... Acompanhei as preces dos que pediam agua... e a chuva me entristece tanto! Ainda se fosse a chuva de ouro dos bons tempos mythologicos... Mas essa chuva prosaica, que cobre o céo de plumbeas nuvens carrancudas como o futuro da nossa monarchia, que só nos proporciona sapos e lama, monotonia e tristeza, e nos rouba as vezes o restinho de um prazer que nos animava, essa eu detesto como detesto a certos homens que trabalham para arrancar da bocca do pobre o ultimo pedaço de pão que lhe resta para não morrer de fome...

Hoje, porem, não posso dizer assim. A chuva requerida é justamente esperada como uma salvação. Não tenho remedio senão desejar ao meu caro amigo sol e ás minhas lindas manhans brilhantes um passeio por longe, dando lugar a essas como lagrimas sentidas e copiosas que o espaço chora, quando vê tristes e encobertas as amplidões azues...

—

Da cidade da Campanha recebi uma bem redigida circular, assignada pelas exmas. sras. d.d. Maria Caetana de Paiva e Maria Claudina de Paiva, pedindo livros para uma bibliotheca, que pretendem fundar, dedicada, exclusivamente, ao sexo feminino, «e onde as senhoras d'aquella cidade nas horas de lazer possam consultar bons autores.»

Eis ahi uma idéa nova e cheia de utilidade e proveito. Alegrou-me sobremaneira o ter recebido essa circular, em que duas senhoras intelligentes mostram decidida vontade de promover o adiantamento intellectual de suas conterraneas.

Oxalá que em todas as cidades as senhoras roubassem duas ou tres horas ás exigencias da *toilette*, aos requintes de mal disfarçada vaidade, e aos *crochets* inuteis, para consagral-as ao estudo de livros escolhidos, á procura de conhecimentos necessarios e de licções que as auxiliassem na direcção de seus trabalhos, no desempenho regular de seus altos deveres de mãi, de esposa, de filha, de amiga.

Napoleão quando affirmou que «o futuro de um filho é sempre obra de sua mãi» quiz significar a grande responsabilidade que peza sobre a mãi de familia, e por ahi facilmente se comprehende a necessidade de educar-se a mulher, por isso que, elevado o seu nivel intellectual, aperfeiçoam-se os seus sentimentos, e ellas, comprehendendo mais perfeitamente as prescripções da Moral, obtêm resultado mais proficuo ao transmittirem a seus filhos as licções e os exemplos

com que elles possam alcançar ditosos futuros.

Sem acceitar em absoluto a opinião d'aquelles que pretendem a emancipação da mulher de um modo incongruente e inexequivel, querendo até inverter leis naturaes e principios estabelecidos pela Ordem; e tambem sem receber as doutrinas dos que desejam vêl-a reduzida á triste condição de inuteis entidades obscuras, apreciaveis unicamente pelo contorno das formas, pelas bellezas exteriores,—deve-se empregar os meios de erguer-se a mulher a altura em que ella devia estar sempre collocada e que, infelizmente, entre nós, não alcançou ainda. Depois da emancipação que o christianismo lhe trouxe, não compete á mulher desempenhar apenas a sua missão,quasi material,de *dona de casa*.

A mãi de familia, a esposa, a rainha do lar domestico deve estudar para conhecer o Bem e saber exercel-o, para formar o coração do filho, para comprehender o esposo, de resto,para infundir o respeito, o acatamento,essa especie de veneração,que uma mulher ignorante, ou viciada pelo meio inconveniente onde viveu, não logra conseguir jamais...

E' verdade que ha trinta annos já escrevia Lopes de Mendonça:

«Graças ás maravilhosas convenções, e ás inauferiveis *conveniencias* da sociedade moderna, olha-se para um grande talento com a mesma descuidosa frivolidade com que se observa um adereço de diamantes, um vaso de porcelana, um cavallo de raça, ou uma carruagem, que assenta sobre flexiveis e lustrosas molas.»

A despeito d'esse pessimismo, alias incontestavel, não se deve menosprezar a lapidação que o talento requer, pelo contrario, deve-se caprichar ainda no grato labor de o tornar mais valioso, afim de que elle imponha-se pelo seu adiantamento e inspire a todos invencivel admiração.

Entre as senhoras ainda mais.

Ellas devem persistir no esforço nobre de cultivar o proprio espirito, porque delle depende a formação do caracter de cidadãos, que a patria espera para a elles confiar o seu futuro, o seu engrandecimento.

Por essas considerações despretenciosas, que acabo de escrever ás pressas, vê-se que o procedimento das senhoras da Campanha, cuja circular me annunciou uma importante iniciativa, causou-me o mais sincero jubilo.

Desejo ardentemente que seja imitado em toda a provincia tão louvavel exemplo de amor ao estudo.

Envio ás duas fundadoras da Bibliotheca da Campanha os meus enthusiasticos applausos. Assim ellas consigam, como merecem, a animação e o auxilio de todos os que comprehenderem o alcance do serviço, que ellas almejam prestar ás suas conterraneas.

JORGE RODRIGUES.

Casamento á força....

ELLE era empregado no commercio, um rapaz espadaúdo e forte como um touro, mas fraco como um convalescente, quando se achava em presença de moças.

Nas horas de trabalho, fazia gosto vel-o na lida de attender aos freguezes, já espalhando sobre o balcão as mercadorias pedidas, já reconduzindo para as prateleiras os mesmos objectos.

Era o que se diz vulgarmente um caixeiro *de mão cheia*.

Mas, si em uma d'essas idas e vindas divisasse elle qualquer moça na rua... adeus actividade! Estava o nosso homem inutilisado por uns quinze a vinte minutos!

Que querem? Era o seu *fraco*.

Apenas percebia elle que uma moça se approximava do estabelecimento, deixava immediatamente o que estivesse em suas mãos; saltava o balcão com uma presteza digna de elogios; collocava-se á porta, armado do mais gracioso sorriso que conseguia arranjar, e ahi ficava até que a causa de todo esse reboliço desapparecesse na volta de alguma esquina.

Emquanto isto não se desse, podiam os freguezes fazer o que quizessem, que elle ao que estivesse de portas a dentro não ligava a minima importancia.

Passado o accesso, voltava elle a suas obrigações, triste a principio, mas pouco tempo depois parecia não se lembrar mais da moça que vira passar e que fôra o objecto principal de toda a sua attenção.

Era uma mania como qualquer outra.

Os freguezes já estavam habituados a estas sortidas bruscas e riam-se, quando o Néca das moças (era o nome que lhe davam) fazia das suas.

— Si elle fosse bonito, vá, dizia algum mais impertinente, mas...

— Com aquelle nariz... accrescentava outro desapiedadamente.

E era exacto; o tal Néca das moças tinha por nariz uma protuberancia vermelha, informe, cheia de espinhas e immensa.

Não havia pomadas e sabonetes que elle deixasse de comprar, na esperança de ver desapparecerem as numerosas espinhas que o tornavam hediondamente feio.

Era bastante ler um annuncio qualquer para que elle mandasse immediatamente buscar a droga annunciada, rejubilando antecipadamente com o effeito da *miraculosa preparação*.

Mas... qual! Seria mais facil consumir n'aquelle vasto promontorio todas as pomadas e sabonetes do mundo do que conseguir o resultado desejado.

Era o caso de se dizer que o rapaz se arruinava pelo nariz.

Calculem as leitoras o quanto este formidavel defeito physico devia difficultar-lhe as conquistas amorosas.

As moças, quando o viam á porta da loja, riam-se d'elle francamente, mas o pobre rapaz nem por sombras era capaz de perceber a intenção d'aquelles risos.

Julgava-se o mais feliz dos mortaes e esquecia-se do *maior* pezar de sua vida para entregar-se inteiramente á contemplação das graciosas transeuntes.

Não passava d'isto, porém; o Néca das moças era doudo por ellas e por ellas seria capaz de ficar de plantão um dia inteiro á porta da loja, mas de modo algum teria

coragem de dirigir uma phrase qualquer a uma moça que junto d'elle passasse.

Era timido como um seminarista.

Um dia um *espirito máo* segredou-lhe ao ouvido:

— E' preciso fazer mais alguma cousa; não te limites a seguil-as com a vista, deves fallar-lhes ou escrever-lhes.

N'esse mesmo dia passou uma bonita moça junto á porta da loja onde o Néca se achava de espera, e em uma attitude capaz de fazer estremecerem de inveja os manes de D. Juan, molhou elle a palavra em um favo de mel e dirigio-lhe um comprimento.

A moça sorrio-se (desta vez sem que fosse por causa do nariz do moço!) e retribuio-lhe a saudação com um movimento de cabeça e com um olhar que fez arder a pouca quantidade de juiso que havia cabido ao nosso heroe na partilha universal. O conselho do *espirito máo* produzio um effeito rapido.

Todos os dias a moça passava junto á loja, sorria-se e volvia mesmo a cabeça antes de voltar a esquina, lançando ao apaixonado moço olhares a que difficilmente podia elle resistir.

Depois disto, elle que corria sempre a ver qualquer moça, deixou d'aquellas frequentes interrupções nos negocios, embora soubesse virem moças aos grupos em direcção ao estabelecimento do qual era empregado.

— Alguma lhe succedeu, disse alguem, não acreditando n'aquella mudança repentina.

— O nariz desmanchou-lhe alguma conquista, ajuntou outro freguez.

O facto é que de namorador de todas as moças tornara-se elle exclusivamente apaixonado por uma.

Esta era filha de um militar reformado, e morava em uma pequena casa a poucos passos de distancia da loja onde vivia o desventurado Néca.

Em pouco tempo, sempre sob a influencia do *espirito máo*, o sensivel empregado do commercio, não se contentando mais com simples olhares e sorrisos, começou de por em practica o velho meio das cartas amorosas.

Si elle foi prompto em escrever, ella não o foi menos em responder-lhe.

Si o coração d'elle estava abrazado em amores, como dizia em suas cartas, o d'ella andava tambem como um verdadeiro fogo de artificio.

A's cartas succederam as entrevistas e n'uma destas o Néca, em vez de encontrar-se com a dama de seus sonhos, deu de face com o pae, um velho robusto e que, além d'isto, achava-se armado de um *chanfalho* que o tornava mil vezes mais terrivel.

Era de se prever o resultado d'este encontro fatal.

O pobre Romeu, todo tremuras, sujeitou-se ás condições que lhe impoz o pai da sua querida Julieta e tratou-se ali mesmo o casamento dos dous pombinhos.

Fôra este o desenlace de uma comedia, combinada entre a moça e o velho militar.

Eram ambos muito pobres e corriam a respeito da heroina certos boatos em que não era tida em muita consideração a sua honestidade.

O Neca-das-moças foi o escolhido para ser o seu defensor de direito contra as más linguas da sociedade.

Quando elle soube de tudo, quiz arrepender-se, mas era tarde.

O *chanfalho* do futuro sogro que havia promettido matal-o como a um cão, si elle faltasse á sua palavra, não lhe sahia da mente.

Um mez depois realisou-se o casamento.

Ao contrario do que se devia esperar, em vista dos precedentes, este casal vive hoje tranquillamente.

Elle passa os dias a trabalhar, sem importar-se com o que vai pela rua e ella a cuidar nos arranjos domesticos, sem que a visinhança tenha a notar alguma cousa de mau em seu procedimento.

Devido talvez ao novo genero de vida de seu possuidor, o nariz do ex-Neca das moças vai tomando proporções mais humanas e já lhe não absorve as economias em pomadas e sabonetes.

José BRAGA

Um beijo venturoso

UMA historia verdadeira, mas perfeitamente romantica.

Um estudante, filho de uma pobre viuva, recem-chegado a Upsala, passeiava com os seus companheiros no jardim publico, um domingo de manhã.

Palestravam alegres, quando notaram que, em direcção a elles, caminhava a filha do reitor da Universidade, rapariga gentilissima, que ia á igreja com a sua aia.

De repente, o filho da viuva disse para os seus companheiros:

— Tenho a firme certeza de que a filha do reitor não é capaz de me recusar um beijo—agora mesmo, si eu fôr ter com ella!

Os outros desataram a rir, e um delles, um estudante rico, exclamou:

— Sempre queriamos vêr isso! Tu, completamente desconhecido para ella, atreveres-te a esperar... e demais a mais n'um sitio publico! Ora adeus, meu caro!

— Tenho a firme certeza do que digo.

O estudante replicou, declarando que estava disposto a apostar uma grande somma, na persuasão de que o outro nem siquer ousaria intentar a empresa.

— Está dito, acceito a aposta!

Instantes depois passavam a rapariga e a sua serva por deante

dos estudantes, e o filho da viuva separava-se do grupo, seguindo-as. A uns dez passos alcançou-as, e, saudando-as de um modo extremamente cortez, disse em tom modesto e franco á filha do reitor:

— Depende de v. ex. a minha felicidade!

— Como?!

— Sou um pobre estudante. Minha mãe é viuva. Si v. ex. se digna condescender a dar-me um beijo, ganharei uma aposta importante, e com isto poderei continuar os meus estudos, vendo-se livre minha mãe da profunda anciedade em que se encontra.

— Si está dependente de tão pouco a sua felicidade, não tenho duvida em acceder ao que deseja.

E, ruborisando-se, deu na face do rapaz um beijo, como si elle fôra seu irmão. Depois entrou na egreja, onde rezou tranquilla e fervorosamente as suas orações, e no recolher-se á casa, contou ao pae o que lhe tinha succedido.

No dia seguinte, o audacioso estudante foi chamado á presença do reitor, que desejava saber que especie de individuo se atrevêra a dirigir-se d'aquella fórma á sua filha. As maneiras modestas do rapaz impressionaram-no agradavelmente. Escutou a sua historia e tanto sympathisou com elle que o convidou a ir jantar comsigo duas vezes na semana.

Cerca de um anno depois, a bondosa rapariga contrahia matrimonio com o estudante, que é hoje um dos mais celebres philologos da Suecia.

Mudança

Tu foste sempre contente,
sempre ditosa. A fulgir,
teu negro olhar sorridente
era espelho transparente
de tu'alma a rir, a rir.

Flor, o ceo te abençoava.
Ria-te o sol, andorinha.
— Eras flor que des'brochava
ao sol da crença que vinha
e que do céo dimanava.

A vida nos-te era mais
que uma festa deslumbrante.
Nos teus brincos virginaes
tudo era — em dia brilhante —
flores, prazer, idéas...

Não conhecias o amor...
Tu'alma, nos gozos que tinha
se entregava sem temor...
— Eras mais livre que a flor,
mais alegre que a andorinha...

Hoje, venho, como outr'ora,
saudar-te, linda, e respondes:
— que não és a mesma agora,
pois uma dor —que me escondes—
tornou-te crepusc'lo a aurora...

« —Contente? já fui... me disse,
em funda melancholia;
« a sombra dos infelizes
« cobriu-me os vivos matizes:
—« morreu a flor d'alegria...

« Hoje —eu como a *saudade*,
« —luz de longinqua lembrança—
« o lyrio da soledade
« traduz mais alma esperança
« do que a minha mocidade.»

— Porque?

« — Não sei!»

— Mas, não vês?

quem soffre assim é porque...

« —Adivinhou-me?»

— Talvez:

— não tem coragem...

«—Nem crê!»

— Mas, amas?

« — Amo.»

— E não crês?

« — Não é do amor qu'eu descreio,
« é do porvir que me espera.»
— Quando assim falas, receio
que algum doloroso anceio
te entristeça a primavera,

a primavera ditosa
dos teus annos de illusões,
que sempre sorrio formosa
entre perfumes de rosa
e as mais sublimes canções.

E eu sinto commigo e choro
a dor que tu vais sentindo,
— essa dor que eu ignoro
e que maldigo e deploro,
porque te vai consumindo.

Um dia talvez me fales
nesse pezar que te prostra.
E' justo que hoje te cales.
Mas... vê bem que não resvales
No abysmo que a dor te mostra.

Foge da senda sombria
onde te queiram levar...
Ninguem te agradeceria
o futuro de agonia
com que tu fosses lutar!

Amas? pois segue esse amor!
Abraça a crença — e caminha!
Si não tiveres temor
serás feliz como a flor
e alegre como a andorinha...!

Jonas RODRIGUES.

A pontualidade

DURANTE sete longos annos almocei no mesmo café. A's onze horas e cinco minutos abria a porta, ao meio dia menos cinco, fechava-a.

E' inutil fazer-lhes o elogio da *dame du Comptoir!* Basta que saibam que desde a minha primeira chavena de café reinou no meu coração. O meu olhar disse-lhe que eu a amava? adivinhou ella o meu amor?

Não sei; mas amámo-nos de longe, em silencio, durante sete annos... pois levei sete annos a approximar-me do seu balcão, a distancia sufficiente de lhe poder falar sem a comprometter.

Sim, sete annos! para passar da meza n. 7, que occupava ao principio, até á n. 1 que ficava ao pé do balcão. Que querem? Era tão pontual que chegava sempre meia hora depois de seis freguezes tão pontuaes como eu.

Que de diplomacia não me foi necessaria para os pôr fóra dessas seis mezas que me separavam de meu anjo!

O numero 6 não levou muito tempo: puz-me a cortar as rolhas das garrafas, isso contendia-lhe com os nervos e deixou a meza de que me apossei logo.

D'ahi a seis mezes um acaso livrou-me do numero 5, que era supersticioso. O criado quebrou um vidro e entornou o café em cima d'essa meza, que o seu proprietario abandonou logo todo enguiçado. Passou a ser minha.

Em duas sessões puz fóra do combate o numero 4, que dormia a sua somneca depois de comer. Eu tremia tanto com o meu banco, balouçando-me, que esse balouçar espertava-lhe o somno de tal modo, que elle foi dormir para outro botequim.

O numero tres durou apenas um dia. A' vista das minhas fatias de pão com manteiga molhadas em

café com leite, fez-lhe tal enjôo que mal teve tempo para fugir deste medonho espectaculo.

O numero 2! Oh! o numero 2!! Tremo ainda quando penso nisso! Levei quatro annos a desalojal-o! Sem os olhares do meu anjo, que animavam os meus esforços para me approximar d'ella, teria renunciado ao numero 2.

Mas, dir-me-ão, porque não cortou você todo esse trabalho, almoçando duas horas mais cedo, e sendo assim senhor de todas as mezas? Ou então, porque não ia lá durante o dia, ás horas mortas, em que o botequim deserto, lhe permittia conversar á vontade com a caixeira?

Não fiz isso, porque era pontual, tinha a tolice de ser pontual!

A minha vida estava tão bem pautada, que nunca me ouviram chamar uma mulher por *tu* senão no segundo domingo de cada mez das quatro e dez ás quatro e cincoenta.

Mas voltando ao numero 2.

A rolha cortada, as sopas de manteiga com café, o balanço, tudo isso foi inutil com esse, pela simples razão delle ser surdo, logo do meu lado, e o meu banco ficar separado do seu.

Quiz leval-o pela avareza, e em cima da meza, ao pé do cotovello amontoei-lhe copos, garrafas, pratos, que elle atirava logo ao chão.

Todas as manhãs havia entre nós uma montanha de cacos, que elle pagava sem mesmo se admirar da minha falta de cuidado. O dono do café chegou mesmo a especular com a coiza, e poz-lhe louça rachada, que o desgraçado pagava como nova.

Em quatro annos, o numero 2 quebrou com que pôr casa a todas as tribus selvagens da Oceania.

Pobre numero 2!

Lamento-o hoje! Pois soube mais tarde que se elle era tão teimoso, é que tambem amava a caixeira.

Emfim, esgotados todos os recursos, ao cabo de quatro annos, pensava em denuncial-o, numa carta anonyma á policia, quando elle teve a felicidade de ser esmagado por uma carruagem.

Do meu novo lugar, do numero 2, se não tocava ainda a terra promettida, sentia já ao menos della os doces perfumes. Respirava o aroma dos torrões de assucar, que o meu anjo acariciava com as suas brancas mãos depois de ter pegado numa caterva de moedas de cobre sujas de azebre; respirava a plenos pulmões os odores da agua de flor de laranja, que ella deitava nessas esquisitas garrafinhas redondas, que parecem cebollas brancas.

Um obstaculo me separava ainda d'ella. Era o numero 1.

Resolvi vencel-o.

Desde esse dia declarei-lhe guerra.

Era um terrivel homem esse numero um! Antigo capitão de *gendarmes*, forte como um turco, barbado, grandes bigodes, e além de tudo isso galanteador e monotono: porque revirando os seus grandes olhos para a minha adorada, repetia-lhe de hora em hora, durante oito annos, esta invariavel phrase:

— Sou como a hera, morro onde me prendo.

O que me tranquillisava pouco sobre a proxima posse da sua meza, porque elle tinha um typo de viver cem annos.

Procurei enxotal-o com contos frescos e com calembourgs: mas torcendo os seus bigodes, elle fazia seccar a minha verve, uivando com a sua voz de cobre:

— Foi perdendo tempo em fazer calemburgos que Grouchy chegou tarde de mais!

Ah! promettо-lhes que se a França tivesse perdido o seu codigo durante vinte e quatro annos, o muito, eu teria aproveitado essa perda para apunhalar o horrivel capitão... pelas costas.

Emfim, o céu compadeceu-se do meu amor, e a fada da desynteria estendeu uma bella manhã as suas azas sobre o meu terrivel rival.

Finalmente sentei-me á meza numero *um*!!!

Estava ao pé d'ella!!! Contemplava o seu busto gracioso sahindo do balcão, admirava os seus cabellos loiros, a sua bocca pequenina, etc., etc.

Sete annos passados tinham alterado um pouco todos esses encantos, mas eu via-os sempre com os olhos da... minha primeira chavena de café!

Renuncio a descrever-lhes a commoção, em partidas dobradas, desse momento cubiçado ha tantos annos! A alegria suffocava-me: perdiamos a cabeça: eu molhava o pão na garrafa da agua, e despejava o café na bolsa do dinheiro; ella deitava o dinheiro em cobre dentro do assucareiro, e mettia o assucar no cofre da receita.

As grandes paixões são silenciosas! Um curto dialogo bastou para nos ligar um ao outro, sem mettermos o publico na confidencia.

Fingindo ler o nome do chapeleiro no meu chapeu, disse-lhe de dentro do forro:

— Amo-te!

Fingindo limpar um bule de chá, ella respondeu-me do bico:

— Amo-te!

Ao que eu repliquei logo:

— Sê minha mulher! ámanhã, no escriptorio do meu tabellião, ás nove e trinta e cinco!

Nove e trinta e cinco era a hora de tratar dos calos; mas, o meu amor desordenado fazia-me sacrificar pela primeira vez a minha pontualidade.

No dia seguinte, á hora marcada, estava delirante de paixão, no escriptorio do meu tabellião, o sr. Crosse.

Era uma torrente de elogios á minha noiva, emquanto elle preparava o seu papel sellado.

— Vae vêl-a! loura! bella! mão de rainha! collo de deusa! cintura de creança!... ha sete annos que a amo!

De repente o meu tabellião perguntou-me:

— E alta ou baixa?

Esta simplissima pergunta sua atrapalhou-me. Só lhe pude responder:

— Não sei!

— Como? Não sabe! Pois ama-a ha sete annos e não sabe se ella é alta ou baixa?

— Não sei, nunca a vi, senão sentada ao balcão... isto é, da cintura para cima.

—Mas com certeza tem-se encontrado n'outra parte... nos passeios, no theatro?

— Nunca senão no café, e sou tão pontual em tudo, a minha vida está tão pautada, que nunca pude consagrar a esse anjo, senão o tempo que vae das onze e cinco ao meio dia menos cinco, tempo em que via-a sempre sentada ao seu balcão.

Mal eu acabava a phrase a porta do escriptorio abriu-se!

A minha noiva entrava.

De repente soltei um grito de horror e desmaiei no collo do meu tabellião.

A escolhida do meu coração, o anjo dos meus sonhos tinha duas pernas de páo!

EUGENIO CHAVETTE.

Novas e notas

Anniversarios

No dia 25 do corrente completou mais um anno de feliz existencia a exma. sra d. Rosalina de Castro, esposa do nosso amigo Custodio de Castro e estremecida irmã de José Braga, nosso collega de redacção.

Faz hoje annos a intelligente joven Rosa Capanema, cunhada do nosso collega Jorge Rodrigues.

Felicitamol-as, desejando-lhes um futuro immenso de infinitas alegrias e venturas.

A Quinzena

COM este titulo será publicada, brevemente, em Vassouras, duas vezes por mez, uma revista litteraria dirigida pelos nossos intelligentes confrades Alfredo Pujol e Jorge Pinto.

Como *O Domingo*, a nova revista tomará por modelo *A Semana*, tendo entre os seus collaboradores litteratos conhecidos e laureados como Valentim Magalhães, Raymundo Corrêa, Lucindo Filho, Americo Lobo, Filinto de Almeida e outros.

Ao *Domingo* cabe a gloria de ter sido o primeiro jornal exclusivamente litterario (em que pese á *Gazeta de Noticias*) que, á feição d'*A Smana*, appareceu na provincia. Alegra-nos ver que a idéa vai sendo imitada e que alguns moços bem intencionados vão mostrando que no interior tambem se estuda, e se cultivam as lettras.

Valentim Magalhães deve ufanar-se, porque a sua folha é que tem despertado esse desejo de levar a imprensa por uma vereda mais clara, onde o mercantilismo não impere de todo, e essa disposição de dar ao povo uma leitura mais agradavel e mais util.

Esperamos ardentemente *A Quinzena* e desde já apresentamos aos seus redactores as nossas mais verdadeiras e cordiaes saudações.

A Mulher-Homem

A revista do anno de 1885, que sob esta denominação escreveram V. Magalhães e Filinto de Almeida, tem obtido repetidos successos no theatro Sant'Anna onde está sendo representada.

A imprensa tem sido unanime nos elogios, e o publico tem provado em repetidas enchentes, o que lhe merece a peça dos distinctos litteratos.

Felicitamos os collegas d'*A Semana* por mais esse triumpho.

Theatro

SABBADO, 23 do corrente, deu-nos a *troupe* de Augusto Maia o *adeus de despedida* do estylo e... foi-se, achando-se a esta hora bem longe d'estas plagas de onde com certeza bem poucas saudades deve ter levado.

Deus a leve a melhores climas, onde menos adversa lhe seja a sorte.

Quanto a seu ultimo espectaculo, pouco teremos a dizer sobre elle, pois compoz-se de peças nossas conhecidas, em cujo desempenho nada de novo teriamos a notar si o artista Brêtas, o terrivel portador dos maiores bigodes que temos visto em nosso theatro, não tivesse imprimido a seu papel no drama—*O Supplicio de uma mulher*—uma feição de que não o julgariamos capaz.

A' força de querer mostrar-se enthusiasmado, *esquentou-se* e deu-nos um Luiz nervoso e atordoado em vez de indifferente e reservado, como se mostrara sempre, o que nos faz suppor que *s. s.* não entende o que lê, pois attendeu pessimamente ao conselho que lhe demos, sobre a attitude a tomar, quando tivesse de interpretar um personagem apaixonado.

Decididamente não é em questões de coração que se ha de sahir bem algum dia.

Outra cousa a que não podemos deixar de fazer algumas referencias é a scena comica *Sir Bull em S. João d'El-Rei* que foi a novidade da noite.

Sem espirito e sem a successão de factos ou observações que são o attractivo das composições d'esse genero, a scena comica de Augusto Maia em vez de hilariante, como a esperavamos, esteve irresistivelmente soporifera.

De um inglez em S. João d'El-Rei, a terra das raridades, como lhe chamam alguns, com razão ou sem ella, era de se esperar um ror de cousas de nos fazer rir a bandeiras despregadas e, entretanto, sir Bull nada mais vio entre nós além desse desgraçado vendedor de pamonhas, cujas cantigas ouvimos todos os dias.

Inspirada talvez pela do Vasques — *A variação de flauta* —, a scena comica, de que tractamos, nem por isso agradou; e se não fora a *zabumbada* final, poucos espectadores veriam descer o panno, tal foi o somno que nos invadio a todos.

Tambem isto de inglezes é preciso que o sejam muito para que nos façam rir devéras.

—

Agora volta de novo o nosso theatro ao antigo estado e o povo ao estrebilho do costume:

—Que vida insipida! Não ha distracções em S. João d'El-Rei.

Lambrequins

Em toda a Escossia não ha mulas. Um escossez que vio a primeira em Hollanda, exclamou:

— Meu Deus, de que tamanho são nesta terra os coelhos!

—

O amor, que na vida dos homens não é mais que um episodio, é a historia inteira da vida das mulheres.

—

A poesia é a recordação e o presentimento das cousas; o que ella celebra não está ainda morto; o que ella canta existe.

Um dono de casa de banhos poz na taboleta:

«*Banhos frios. Tambem temos quentes para senhoras de 200 reis com lençóes.*»

Observam-lhe que o annuncio está mal redigido. No dia seguinte diz a taboleta:

«*Banhos frios. Tambem temos para senhoras quentes de 200 rs., com lençóes.*»

Dizem-lhe que a emenda foi peior que o soneto. O homem desespera e no dia seguinte lê-se na sua taboleta:

«*Banhos frios. Com senhoras, não queremos negocios; nem quentes, nem frios; nem por 200 rs. nem por nada; nem com lençóes, nem sem lençóes.*»

Sobre a meza

A SEMANA, n. 56.—Uma espirituosa e interessante *Historia dos sete dias*, seguindo-se diversos escriptos apreciabilissimos em prosa e verso.

Sempre bella, *A Semana!*

PHILOLOGIA PORTUGUEZA.—(Notas de leitura). *Da negação intensiva*. Pelo estudioso e distincto professor sr. Lameira de Andrade.

E' um folheto de 75 paginas, que hade ser de grande utilidade e proveito para os que se dão ao estudo sério da lingua vernacula.

O sr. professor L. de Andrade demonstra nessa importante monographia, alem de muito talento, muita dedicação ao estudo conscienciosо e gosto pelas investigações laboriosas, que lhe podem trazer os mais vantajosos conhecimentos.

Fecha o livro uma carta do nosso illustrado collega do *Vassourense*, dr. Lucindo Filho, ao autor. Nessa carta o digno collega diz que a leitura da monographia do sr. Lameira e o estudo que tem feito do estylo e processos litterarios de Gil Vicente e Antonio José, induziram-no a escrever algumas observações sobre a linguagem popular nos comicos portuguezes.

Esperamos anciosos o trabalho do illustre professor.

Ao sr. Lameira de Andrade agradecemos a obsequiosidade da valiosa offerta que nos fez do seu apreciavel folheto.

O RIO DOCE, n. 1.—Orgam do commercio e lavoura, que acaba de surgir á luz na cidade de Ponte Nova, nesta provincia. E' bem escripto, variado, sympathico. Impressão boa.

Fazemos sinceros votos para que o novo collega alcance muitas prosperidades em amplo e radioso futuro.

A JUSTIÇA —Continuamos a receber esse importante jornal politico, litterario e commercial, que se publica na Franca (S. Paulo) sob a redacção de illustrado e brilhante publicista dr. Estevam L. Bourroul. Accusando a recepção da nossa despretenciosa folha, diz o amavel collega:

«*O Domingo*, importante revista litteraria, hebdomadaria, publicada na cidade de S. João d'El-Rei, sob a redacção de Jorge Rodrigues e José Braga, ambos talentosos e intelligentes cultores das lettras patrias.

Jorge Rodrigues é bem conhecido no paiz por suas mimosas producções poeticas: ahi estão as *Fugitivas*, que bem alto attestam o seu valor. Tem escripto excellentes artigos na imprensa Mineira, recommendaveis já pela amenidade da fórma, já pelo fundo, pois professa idéas sans e soube furtar a sua bella intelligencia á corrupção do positivismo e do naturalismo.

O Domingo faz jus a um dos primeiros lugares na adiantada imprensa da provincia de Minas. Viva longa e prosperamente, é o que lhe desejamos *toto corde*.»

Confessamo-nos penhoradissimos pela gentileza d'*A Justiça* e retribuimos cordialmente os seus bons desejos.

Annuncios

Almanach Popular

DE

A. Moreira de Vasconcellos

Para 1886

Com os retratos e elogios de Ferreira de Menezes, Lopes Trovão e Ladislau Netto; ephemerides nacionaes, poesias artigos de litteratura, etc.

Vende-se nesta typographia.

Preço............... 200 rs.

«O Domingo»

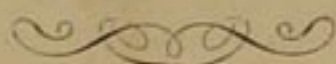
Compram-se os numeros 2, 3, 4 e 5 deste jornal.

Pharmacia Confiança
mudou-se da rua Municipal para
Á
Rua do Commercio n. 8
(Antiga casa de Paula Moreira)

BILHETES DE LOTERIA

Em casa de João, Baptista Carneiro encontram-se sempre á venda, bilhetes de todas as LOTERIAS do Imperio.

PHARMACIA

CAMPOS DA CUNHA

9--RUA DIREITA--9

S. JOÃO D'EL-REI

EXTERNATO S. EMILIA

Director - Jorge Rodrigues

MATERIAS DE ENSINO

Curso primario e secundario comprehendendo os preparatorios necessarios a matricula nas academias do imperio

MENSALIDADES

Curso primario. . . . . 5$000 Curso secundario. . . 10$000

Os pagamentos serão feitos a mez vencido, ou adiantadamente, consoante prévia convenção.

No fim de cada mez distribuir-se-á aos respectivos interessados um boletim, registrando a frequencia, comportamento e applicação dos alumnos.

Auxiliado por distinctos professores já bastante conceituados nesta cidade, o director espera tornar o seu modestissimo estabelecimento digno da confiança publica.

As aulas começaram a funccionar no dia 4 do corrente, das 10 horas da manh ás 3 da tarde.

7--PRAÇA DAS MERCÊS--7